

TRANSGRESSÃO E PRECONCEITO COMO NOVA ESTÉTICA DA DIREITA BRASILEIRA: O CASO OLAVO DE CARVALHO

*TRANSGRESSION AND PREJUDICE AS A NEW AESTHETICS OF BRAZILIAN RIGHT-WING:
THE CASE OF OLAVO DE CARVALHO*

*TRANSGRESIÓN Y PREJUICIO COMO NUEVA ESTÉTICA LA DERECHA BRASILEÑA:
LO CASO DE OLAVO DE CARVALHO*

RAFAEL ANGRISANO¹

Submissão: 28/09/2022

Aprovação: 30/06/2023

Publicação: 03/11/2023

¹ Doutor e mestre em Estudos de Linguagens pelo Cefet-MG. Servidor público federal, atua no cargo de Relações Públicas na UFMG. Como docente, possui experiência como Professor Estagiário e Assistente no Cefet-MG e na PUC Minas.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4036-0495> – E-mail: rafaelangrisano@yahoo.com.br

RESUMO

A presente proposta de artigo tem como intuito analisar certos discursos de figuras contemporâneas da direita brasileira e de que modo elas captam suas audiências mais pela mobilização de valores do que pelo conteúdo informacional. Dentre os objetivos, está também entender um pouco melhor quais são as “estratégias” discursivas que tentam legitimar falácias e teorias absurdas. Para isso, escolhemos como corpus algumas falas do autointitulado filósofo Olavo de Carvalho. Escolhemos um vídeo de Olavo de Carvalho, chamado “Todo apoio a Bolsonaro”, postado no YouTube no dia 15 de setembro de 2019. Como fundamentação teórica, tomamos como base as noções de: imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2007); construcionismo social; normatividade de coordenação; e algumas discussões a respeito do caráter transgressivo da nova direita abordadas por Angela Nagle (2017). Observamos nos discursos analisados que o pathos parece ser a dimensão retórica privilegiada em detrimento do logos. Valores e crenças substituem razões objetivas.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Transgressão. Nova Direita.

ABSTRACT

This article proposal aims to analyze certain discourses of contemporary figures of the Brazilian right and how they capture their audiences more through the mobilization of values than through informational content. Among the objectives, is also to understand a little better

what are the discursive “strategies” that try to legitimize fallacies and absurd theories. For this, we chose as corpus some speeches by the self-styled philosopher Olavo de Carvalho. We chose a video by Olavo de Carvalho, posted on YouTube on September 15, 2019. As a theoretical foundation, we took as a basis the notions of: sociodiscursive imaginaries by Charaudeau (2007); social constructionism; coordination normativity; and some discussions about the transgressive character of the new right addressed by Angela Nagle (2017). We observed in the analyzed speeches that pathos seems to be the privileged rhetorical dimension to the detriment of logos. Values and beliefs replace objective reasons.

KEYWORDS: Speech. Transgression. New Right.

RESUMEN

Esta propuesta de artículo tiene como objetivo analizar ciertos discursos de figuras contemporáneas de la derecha brasileña y cómo captan a sus audiencias más a través de la movilización de valores que a través del contenido informativo. Entre los objetivos también está entender un poco mejor cuáles son las “estrategias” discursivas que intentan legitimar falacias y teorías absurdas. Para ello, elegimos como corpus algunos discursos del autodenominado filósofo Olavo de Carvalho. Elegimos un video de Olavo de Carvalho, publicado en YouTube el 15 de septiembre de 2019. Como fundamento teórico, tomamos como base las nociones de: imaginarios sociodiscursivos de Charaudeau (2007); construccionismo social; la normatividad de la coordinación; y algunas discusiones sobre el carácter transgresor del nuevo derecho abordado por Angela Nagle (2017). Observamos en los discursos analizados que el pathos parece ser la dimensión retórica privilegiada en detrimento del logos. Los valores y las creencias sustituyen razones objetivas.

PALABRAS CLAVE: Discurso. Transgresión. Nueva Derecha.

INTRODUÇÃO

Desde a última década, o mundo atravessa uma virada política caracterizada por uma onda conservadora. Esse fenômeno é complexo e envolve uma série de variáveis. Uma delas é a legitimação de um certo conjunto de informações que flertam com diferentes aspectos do que se convencionou chamar no Brasil de extrema direita. A eleição em 2018 de Jair Messias Bolsonaro como presidente do Brasil confirmou em nosso país essa tendência internacional. Na internet, um personagem se destacou como apoiador do presidente eleito, sendo que se notabilizou por ser considerado o “guru” do chefe do Executivo, interferindo politicamente no governo, indicando ministros e outros cargos públicos: Olavo de Carvalho, que até pouco tempo antes de falecer, em janeiro de 2022, era um defensor do atual governo.

Sendo Olavo de Carvalho a abordagem mais elaborada do “bolsonarismo”, optamos por tentar compreender por meio de alguns discursos selecionados, quais seriam as estratégias de convencimento utilizadas em suas falas para difundir preconceitos e ideias não razoáveis e como essas falas eram facilmente replicadas em pílulas para consumo de seus apoiadores. Os trabalhos de Kleina e Sampaio (2020; 2021) já apontam algumas pistas da atuação da direita em ambiente virtual, tais como as estratégias dispersas, o apontamento de inimigos e a defesa das atitudes do governo. Pretendemos avançar em alguma medida nessas discussões.

O vídeo escolhido teve como critério de seleção a sua repercussão em seu canal do *YouTube* (número elevado de visualizações) quando se tratava de defender o então presidente. O vídeo de Olavo de Carvalho escolhido é intitulado “Todo apoio a Bolsonaro”, postado no *YouTube* no dia 15 de setembro de 2019¹. O vídeo teve 528 mil visualizações e 85 mil curtidas, o de maior repercussão em seu canal no que diz respeito à defesa do governo e à temática política. Como parte do método, transcrevemos o vídeo para facilitar a análise de cada uma das frases proferidas pelo autor do conteúdo, destacando as principais sentenças, que remetem ao nosso objeto teórico.

Para tanto, tomamos como fio condutor reflexivo algumas ideias que serviram como chaves de leitura dos discursos, que parecem, de fato, se confundir com estratégias discursivas, tais como: imaginários sociodiscursivos; construcionismo social; normatividade de coordenação e também as discussões de Angela Nagle (2017) a respeito de como a transgressão e o preconceito tornaram-se o estilo e a estética dos discursos da nova direita.

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AkdxMZOUcK4> Acesso em 01/02/2022.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

CONSTRUCIONISMO SOCIAL

A primeira noção que abordaremos é a de construcionismo social. Sabemos que a noção de que fatos humanos são socialmente construídos e condicionados temporalmente e historicamente é amplamente aceita. A atualização constante das verdades sociais, à medida em que se alteram histórica e culturalmente os juízos de crença e valores de certas sociedades parece ser uma premissa razoável. Sempre que enunciamos sobre o mundo, o recortamos e o editamos em alguma medida narratológica. Na perspectiva dos estudos de comunicação, Vizeu (2004) afirma: “enunciação é uma espécie de tomada de posição, a instância que estrutura o valor do dito – as mensagens que ganham formas de matérias, segundo economias específicas a cada sistema e/ou suporte (veículo) de comunicação” (p. 112).

Assim, parece razoável afirmar que o jornalismo cumpre o papel de “organizar” o mundo por meio de suas narrativas, que acaba por compartilhar universos simbólicos. Na mesma linha, Gadini (2007) pontua:

A realidade é, pois, não só uma representação (simbólica), mas uma simultânea e contínua construção social. É, pois, nessa perspectiva – e, de certo modo, próximo de uma abordagem construtivista – que buscamos pensar a realidade como uma construção contínua, um campo em disputa, marcado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades (p. 80).

A questão parece se complexificar quando se multiplica essa premissa para toda a realidade objetiva, avaliando todos os discursos sobre a realidade como “apenas mais uma narrativa”, ou “apenas mais uma perspectiva”, ignorando as evidências de certos fatos sociais e a potência do saber científico a respeito do mundo externo.

O reducionismo de certas ideias de “construção social” nos remete a uma conclusão de tese metafísica, na qual ocorre uma confusão conceitual, nos conduzindo a uma noção de que uma teoria como uma construção social ocasiona a construção social do objeto dessa teoria, ou seja, da própria realidade externa: mundo transformado em signo. Tal argumento equivocadamente seria resumido em: (i) teorias são construtos sociais, dessa forma, (ii) seus objetos

também são construtos sociais. A conclusão parece absurda e deixa evidente os limites para a construção social em termos teóricos. Como Gadini (2007) afirma:

Os fenômenos e eventos que povoam o mundo cotidiano precisam ser percebidos como processos incompletos que se articulam e se apresentam, deixando sempre uma margem de significação em aberto, a ser construída, exatamente porque se supõe que, no processo do conhecimento, o real não aparece imediatamente em sua face concreta e essencial. A construção do conhecimento se dá na apropriação de suas relações com o mundo (p. 82).

No entanto, a construção social do conhecimento e, dessa forma, também da realidade social é uma perspectiva que parece ter extrapolado através dos discursos da extrema direita, como uma construção da própria realidade em si, como veremos a seguir.

Aqui, citamos também Haslanger (2012). Para a autora, o termo “construção social” tornou-se um lugar-comum nas ciências humanas. Evocando Hacking, ela afirma que com valor reduzido de choque e replicados seus usos, a metáfora da construção, se tornou cansada. O termo “construção social” é múltiplo e, particularmente, o tomamos em seu sentido mais intuitivo, como tentativa de replicar certos acontecimentos, discursos e ou fatos do mundo como construções sociais. Nesse caso, é importante saber distinguir o que é construído. Ainda de acordo com a autora, ao evocar novamente Hacking: “One of the important messages of Hacking’s work on social construction is that we must distinguish what is allegedly being constructed, namely ideas or objects, in order to avoid confusion.” (p. 129).

Nessa esteira, Haslanger (2012) afirma ainda: “It may well be that our point of view on the world is always socially conditioned; but there is no reason to conclude that the world we have a point of view on is likewise socially conditioned.(p. 112).”

Em sua conclusão, a autora parece buscar uma justa medida, uma ontologia alternativa, ao acreditar que devemos tomar distância das tendências objetivistas que limitam nossa visão do que é o real, mas ao mesmo tempo sermos cautelosos para não aceitar facilmente um perspectivismo ingênuo. Retomamos essa ideia pelo fato de o discursante analisado em nosso *corpus* argumentar que as “narrativas” que as mídias tradicionais

produzem são tão somente construções sociais falsas, fruto de conspirações que estariam deslocadas da realidade, como veremos na análise a seguir.

NORMATIVIDADE DE COORDENAÇÃO

Essa distinção entre mundo externo independente e mundo, ou “mundos” simbólicos socialmente construídos foi importante para darmos prosseguimento com o tópico seguinte: a necessidade de distinguir a normatividade epistêmica e a normatividade de coordenação. Problemas de coordenação são aqueles em que a dimensão epistêmica é anulada, isso é, não há conhecimento envolvido. Podem também ser chamados de valores éticos, morais ou políticos. A normatividade epistêmica requer confiança, como afirma Perini (2022), o que chamam de “*common ground*”. A normatividade de coordenação parece envolver mais diretamente marcadores de pertencimento a certas “tribos” ou comunidades discursivas.

Algumas questões científicas não deveriam ter léxicos moralmente carregados, mantendo aspectos mais descritivos e normativos, tais como o aquecimento global e a vacinação, por exemplo. Mas o que se vê em discursos contemporâneos, incluindo aqueles que analisamos, é uma absorção da normatividade epistêmica pela normatividade de coordenação. Nessa linha da afetação de normatividade de coordenação sobre as razões epistêmicas, Boghossian afirma:

By asserting that all scientific belief should be explained in terms of the goals, interests, and prejudices of the scientist, and denying any role whatever for the recalcitrance of nature, it leaves no space for the criticism of specific scientific beliefs on the grounds that they do reflect such prejudices rather than being plausibly grounded in fact. (BOGHOSSIAN, 2001, p. 118)

Para além do discurso puramente científico, outros gêneros discursivos que deveriam ao menos buscar certa objetividade ao narrar acontecimentos do mundo, parecem estar permeados pela normatividade de coordenação. Utilizamos tal conceito para desconstruir os discursos selecionados como *corpus* deste trabalho, já que eles tratam de valores de

coordenação para além de razões epistêmicas em suas falas, anulando a confiança no *common ground*.

Segundo Perini (2022):

De fato, o que vemos hoje é a multiplicação de pessoas sem qualificação para a pesquisa (classe que inclui mais do que o que se poderia pensar à primeira vista) defenderem teorias e explicações sem qualquer base evidencial, como se a exigência democrática para o conhecimento público e a exigência epistemológica da autonomia eliminassem a demanda por formações especializadas. (PERINI, 2022, p. 6).

É o caso do enunciador que escolhemos como objeto de análise. As dimensões explicitadas serão avaliadas nos discursos do nosso *corpus*.

TRANSGRESSÃO E PRECONCEITO COMO NOVA ESTÉTICA DA DIREITA CONTEMPORÂNEA

A terceira concepção que abordaremos diz respeito à transgressão como estética adotada por discursos contemporâneos da nova direita política. Angela Nagle (2017) discute na obra *Kill all normies* (2017) a transgressão como viés de atitude em discursos contemporâneos. De acordo com a autora, a transgressão vem sendo uma qualidade dentro do liberalismo social ocidental desde os anos 1960.

Apoiando-se em Kieran Cashell, Nagle (2017) afirma que a transgressão atingiu um nível estético tão alto que os críticos de arte contemporâneos possuem um dilema: devem apoiar a transgressão de forma incondicional ou a condenar de modo a serem alvo constante de suspeita do conservadorismo crítico. Tratar-se-ia de endossar sem reflexão e sem crítica tudo aquilo que se relaciona ao inconformismo e é transgressivo. Uma estética irrefletida da contracultura.

Para a autora, o que ela chama de “transgressores online” seguiriam essa “tradição” que acompanharia os rastros que remetem a escritos do século XVIII do Marquês de Sade, atravessando a vanguarda parisiense do século XIX, os surrealistas, os anos 1960, até chegar

mais contemporaneamente ao cinema nos “filmes de fúria masculina” dos anos 1990, como *American psycho* e *Fight club*.

(...) To Michel Foucault’s *Madness and Civilization* and R. D. Laing’s *The Politics of Experience*, madness was consistently recast as nonconformity in this transgressive style. For de Sade, the Surrealists, and later for the 60s anti-repression cultural politics most closely associated with R. D. Laing, insanity was considered a creative source, a rejection of mainstream norms and a political act of rebellion. The surreal became a pre-rational creative expression. The throwing off of the id that characterized this transgressive countercultural traditional also characterized sites like 4chan, and its culture of trolling and taboo-breaking anti-moral humor, which is often described as insane or unhinged to baffled outsiders. This view of psychopathy and rejection of imposed morality runs through the ethos and aesthetic of the rightist trolling culture. (NAGLE, 2017, p. 31-32)

O transgressor moral está enraizado na cultura do Romantismo como herói ou anti-herói. Nagle (2017) relembra:

Dostoyevsky’s anti-hero in *Crime and Punishment*, Raskolnikov, asserted his own right to transcend the morality of the lesser masses when he killed a ‘worthless’ old woman. Echoed in the style of contemporary transgressive anti-moral cultures like 4chan that later fused with the alt-right, was French writer Maurice Blanchot’s dictum that ‘the greatest suffering of others always counts for less than my pleasure’. (p. 31).

A própria expressão “um herói” tornou-se comum no vocabulário dos internautas de direita, como veremos no exemplo que analisamos. A nova direita que se tornou fortemente atuante pelos mecanismos online seria essa nova vertente “transgressiva”.

Nagle (2017) afirma que o conservadorismo é o “novo punk” por ser transgressivo, subversivo e “divertido”. O fato da extrema direita utilizar de estilos transgressivos demonstra, para a autora, o quão pode ter sido acidental historicamente e superficial o uso dessa estética pela esquerda durante tanto tempo. Principalmente, pelo fato de o estilo transgressor da contracultura dos anos 1960 ser tão criticado na época pela direita que odiava as guerras culturais de antes.

“*Trollar*” termo usual entre internautas e que remete a uma retórica agressiva é uma estilística discursiva que mescla o deboche com a agressividade. Um estilo da cultura

direitista adolescente que evita o julgamento e a interpretação, a crítica e a elaboração argumentativa sofisticada, por meio de ironia e truques metatextuais.

A questão de nosso interesse é: essas características estão sendo usadas por essa nova sensibilidade de direita transgressora brasileira?

IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

O conceito de “imaginários sociodiscursivos” é abordado pelo linguista Charaudeau (2007) em diversos textos, dentre eles, no artigo “*Les stéréotypes, c’est bien. Les imaginaires, c’est mieux*”. É a partir dessa visão de imaginário do autor que lançaremos nosso olhar em complementariedade com os demais conceitos abordados sobre o *corpus* proposto.

Os imaginários sociodiscursivos são uma forma de apreensão do mundo. Tal apreensão ocorre por meio do processo de simbolização ocasionado pelas interações entre indivíduos em um dado ambiente social. Para Charaudeau (2007), as trocas simbólicas entre os sujeitos constroem uma memória social coletivamente constantemente modificada por novas sínteses culturais, ocasionadas pelo processo infinito e dinâmico das representações e da semiose social.

As significações dadas aos objetos e seres do mundo real segue uma dupla ordem: afetiva e racional. Desse modo, da mesma maneira que as significações contribuem para tornar a realidade compartilhável, por meio de universos simbólicos, criam e atualizam também valores sedimentados, que permitem a linguagem e a comunicação. Esse processo de construção de imaginários sociodiscursivos (mecanicamente engendrados com as representações), para o autor, se dá por meio dos saberes de conhecimento e de crença.

Os saberes de conhecimento propõem verdades lógicas e racionais dos objetos do real, analisando empírica e racionalmente números, hipóteses e fatos, por meio da experiência e da ciência para criar sustentáculos epistemológicos objetivos para suas explicações. A subdivisão dos saberes de conhecimento, de acordo com Charaudeau (2007), se dá pelos saberes científicos e pelos saberes experienciais. Resumidamente, os saberes científicos são

estruturados por meio da lógica racional, e os saberes empíricos são balizados pela experiência prática dos indivíduos em suas vivências diárias.

Os saberes de crença se relacionam mais aos sentidos que criam juízos de valor a determinado objeto ou fenômeno do mundo. São divididos em dois blocos, assim como os saberes de conhecimento: os saberes de opinião e os saberes de revelação. Os saberes de opinião dizem respeito aos julgamentos pessoais de cada sujeito, não necessariamente fundamentados por bases científicas; já os saberes de revelação também são subjetivos, pois se fundamentam em pensamentos doutrinatórios que também se relacionam com experiências de religiosidade. Esses dois tipos de saberes servirão a seguir como importante chave de leitura para nossas análises.

ANÁLISE DO CORPUS

Como afirmamos anteriormente, buscamos analisar o *corpus* a partir das quatro chaves de leitura abordadas no tópico teórico: o *construcionismo social*, o uso do argumento da construção social como justificativa para rechaçar as narrativas midiáticas *mainstream*, a *normatividade de coordenação* como marcador de pertencimento a certo conjunto de valores em detrimento de razões epistêmicas e objetivas, a *transgressão* e a retórica preconceituosa como nova estética fundadora da direita política e a noção de *imaginários* de Charaudeau (2007).

O vídeo analisado é o de Olavo de Carvalho, intitulado “Todo apoio a Bolsonaro”. O vídeo postado no *YouTube* no dia 15 de setembro de 2019 possui 18 minutos e 15 segundos. Trata-se basicamente de um vídeo no qual o conteúdo defende a criação de uma militância “verdadeiramente bolsonarista” no Brasil e não necessariamente uma militância conservadora, de direita, a favor da família etc.

Olavo de Carvalho era um escritor que se autointitulava filósofo, com formação conservadora e católica. Ganhou destaque nas mídias de massa após a eleição do atual presidente, por influenciar na escolha de cargos públicos e em decisões da alta cúpula

presidencial. É conhecido fora do seu eixo de apoiadores como um indivíduo que divulgava e promovia ideias que derivam de certa literatura ultraconservadora norte-americana. Algumas dessas ideias são preconceituosas, negacionistas e conspiracionistas, sem qualquer tipo de evidência, dentre elas: o apoio ao movimento antivacina; a possibilidade de a Terra ser plana; e que o planeta hoje vivencia um movimento “globalista marxista”, controlado por uma determinada elite que quer acabar com as liberdades individuais e destruir a família tradicional. Aqui, temos um total desprezo por parte do escritor conservador por famílias que escapam da heteronormatividade. No Brasil, esse movimento seria configurado pelo Foro de São Paulo, grupo que reuniria algumas lideranças latino americanas que são consideradas de esquerda no espectro político.

No vídeo, identificamos algumas pontuações em seu discurso que ilustram as quatro chaves de leitura propostas para a análise. Separamos para fins didáticos, as chaves de leitura, tendo a noção de imaginários perpassando em toda a análise.

No que se refere à primeira chave de leitura, o *construcionismo social*, os “discursos dos grandes *media* serem apenas construções sociais”, um perspectivismo ingênuo que esconde a realidade, Olavo de Carvalho afirma por volta dos 5min 5s:

“Quem criou essa campanha contra Bolsonaro, não foi a elite política corrupta, mas os petistas e psolistas, sobretudo, jornalistas. A classe jornalística é o grande inimigo do Brasil, por que ela está identificada com o Foro de São Paulo. Trabalha para o Foro de São Paulo. A coisa mais urgente é a CPI do Foro de São Paulo” (CARVALHO, 2019).

Já aos 13min 30s diz ao citar alguns veículos de imprensa internacional: “Você quer ouvir o mundo oficial e acha que o mundo oficial vai te dar a realidade das coisas? Você tem que ver o extraoficial” (CARVALHO, 2019).

Na primeira fala sublinhada, o enunciador remete a teoria conspiracionista do Foro de São Paulo. Trata-se de um saber de opinião, um ataque às mídias tradicionais, englobando todos os veículos de imprensa como um grupo de interesses, com narrativas que seriam construções sociais a mando de uma “força política” que constrói a realidade.

Aqui, se vê claramente como, o *youtuber* se apropria da noção clássica de construção social do jornalismo e a extrapola ao nível da realidade objetiva. Como Vizeu (2004) afirma: “A idéia de que o jornalista é um mero reproduzidor de fatos e que bastaria que ele acionasse de uma forma correta um conjunto de regras para realizar um bom trabalho, um bom texto, não corresponde à realidade” (p. 112).

A limitação da linguagem para narrar a realidade e sua incapacidade de corresponder a ela, além é claro, dos interesses e imaginários que atravessam qualquer narrativa, parece a perfeita desculpa para transformar a narrativa midiática tradicional em uma mentira absoluta. Dessa maneira, utilizando três estratégias discursivas identificadas por Kleina e Sampaio (2020), (2021), a defesa do governo, a dispersão e ao mesmo tempo encontrar um inimigo, Olavo de Carvalho dá a entender que os *media* constroem a própria realidade em si e suas narrativas não possuem qualquer nível de concordância com o objeto narrado.

A partir de um saber prévio sobre os planos do Foro de São Paulo, que faz parte de um plano globalista para acabar com a família cristã e o direito à propriedade, de acordo com o enunciador, é possível identificar um discurso carregado de preconceito contra minorias. Por maior que seja a influência dos *media* na co-construção da realidade social, agendando temas, pautando e editando notícias, elas partem de fatos objetivos como matérias primas. No raciocínio do escritor, os *media* possuem interesses obscuros e constroem a própria realidade objetiva de modo puramente perspectivista, sem lastro com o mundo. Esse é um raciocínio no qual Olavo de Carvalho parte de uma ideia bastante genérica, sem qualquer demonstração.

No segundo trecho, de acordo com Olavo de Carvalho, as mídias oficiais possuem uma identidade pública de interesses pra defender, enquanto um sujeito individual não teria interesses. Mais um imaginário, saber de opinião, outra lógica com aparência argumentativa não demonstrada por ele.

Dando continuidade à análise, apontamos alguns exemplos da segunda chave de leitura, o uso da *normatividade de coordenação*. Nas passagens abaixo, é possível identificar

também a prevalência e o uso dos imaginários sociodiscursivos lastreados por saberes de opinião e lugares comuns no debate público brasileiro, um discurso pautado pela normatividade de coordenação, uma dimensão afetiva, não racional, repleta de valores, juízos e crenças (CARVALHO, 2019): “Vamos combater a corrupção? Não! Vamos combater o comunismo primeiro, seus idiotas (...) o problema do Brasil não é a corrupção, é o Foro de São Paulo, seus idiotas, é o poder esquerdista” (aos 7min 56s do vídeo); “Não é um problema ideológico. O problema é a rede de ação esquerdista que ocupa todos os espaços e mandam em tudo” (aos 8min 18s); “A coisa mais urgente no Brasil hoje é uma militância bolsonarista. Você tem que apoiar o chefe, não a ideia” (aos 14min 55s).

Nas falas acima, fica evidente o tipo de *ethos* do discursante, vinculado a valores e preconceitos implícitos que veem a esquerda como inimiga. A partir de um verniz com cara de silogismo e aparente lógica, os fatos e sua dimensão epistêmica entram em segundo plano dando lugar a uma dimensão de coordenação, visão de juízos e crenças, pró certa vertente política, no caso a direita, e sem evidências (Foro de São Paulo como organização que articula e controla os espaços institucionais). É expresso no próprio discurso a prioridade de se defender a causa, acima até mesmo da ideia.

Percebemos, tal como afirmou Perini (2022), que a normatividade epistêmica, o critério de confiabilidade no acúmulo de conhecimento, é completamente anulada. A normatividade de coordenação que envolve marcadores de pertencimento a certas comunidades discursivas prevalece como estratégia discursiva. Destaque para a moral antiesquerdista com viés de endereçamento para os públicos que se reconhecem nesse tipo de imaginário sociodiscursivo.

Por fim, na terceira chave de leitura, a de *transgressão* como viés estilístico do discurso direitista, talvez pelo *ethos* já conhecido do enunciador, ficou muito simples identificar alguns exemplos. Olavo de Carvalho carrega seu discurso com palavras de baixo calão e ironia, mais uma vez, priorizando imaginários vinculados aos saberes opinativos, empregando apelidos pejorativos ou preconceituosos (em referência a sexualidade) a certos

opositores. Alguns exemplos: “O Foro é o centro do poder latino americano. Não é o STF, *palavrão!* Vocês estão loucos?” (aos 7min 29s); “Kim Katacoquinho; Lobostão; Alexandre Fruta”² (aos 15m 40s) (CARVALHO, 2019).

Como afirma Nagle (2017), o uso da “*trollagem*” termo usual principalmente entre a comunidade de direita e que mescla a agressividade à uma estilística discursiva jocosa, irônica e falaciosa, remetendo ao uso do recurso da conhecida falácia *ad hominem*, é uma estratégia discursiva que visa atingir um público infantilizado, sem precisar se preocupar com a sofisticação do argumento, que é substituído por esses truques retóricos e metatextuais como demonstrado acima, para dispersar o foco do debate e, sobretudo, vincular afetivamente o interlocutor a uma comunidade discursiva. Dessa maneira, essa “tribo” a qual é endereçada esse tipo de mensagem, em tempos de pós-verdade, não se preocupará tanto com o nível argumentativo do discurso ou com seu conteúdo, mas sim com seu estilo, sua forma, suas características estéticas.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

Observamos nos discursos analisados que o *pathos* parece ser a dimensão retórica privilegiada em detrimento do *logos*. Valores e crenças substituem razões objetivas. Saberes de opinião predominam diante dos saberes de conhecimento. A ocultação de certos fatos e discursos é uma das facetas da pós verdade. Em sua fala, o enunciador se articula de modo maniqueísta e elege “um inimigo” e um “herói”. Ataques constantes aos *media* como agentes de construção social, se confirmaram no vídeo.

O ocultamento ou a simples negligência das ideias preconceituosas e repletas de discursos discriminatórios do atual presidente demonstra também uma estratégia de naturalização desses discursos e imaginários.

Sabemos que o *corpus* é restrito, não refletindo necessariamente a ampla gama de divulgadores. No entanto, apesar do recorte e da breve análise, a retórica agressiva,

² Remetendo aos então parlamentares Kim Kataguirí e Alexandre Frota e ao cantor Lobão.

preconceituosa, repleta de palavras de baixo calão, a conspiração e a negação de certos aspectos da realidade e as crenças e opiniões acima da razão, parecem, em alguma medida, configurar a estética discursiva da nova direita brasileira, analisada aqui por um dos seus principais expoentes e influenciadores. Um dos principais objetivos parece ser a construção de uma tribo, ou nas palavras de Olavo de Carvalho, “uma militância bolsonarista”. Os trabalhos de Kleina e Sampaio (2020; 2021), também encontraram algumas conclusões semelhantes, evidenciando a lógica do *nós contra eles*, as estratégias dispersivas, a não preocupação com a veracidade dos argumentos e o apontamento de inimigos como a “mídia”.

Acreditamos que a promessa do desvelamento da “verdadeira realidade” ocultada, a construção social perspectivista dos discursos midiáticos, os valores de coordenação acima da lógica discursiva e o caráter transgressivo e preconceituoso, antisistema, se confirmam como eixos nos quais orbitam as ideias propostas nesses discursos e as principais estratégias de captação de audiência, podendo servir como chaves de leitura para pesquisas futuras que se debrucem sobre os discursos da nova direita.

REFERÊNCIAS

BOGHOSSIAN, Paul. **How are objective epistemic reasons possible?** v.106, p. 1-40, 2001.

CARVALHO, Olavo de. **Todo apoio a Bolsonaro**. YouTube, 15 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AkdxMZOUcK4>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux**, in Boyer H. (dir.), *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*, L'Harmattan, Paris, 2007.

GADINI, Sérgio Luiz. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 33, 2007.

HASLANGER, Sally. **Resisting Reality: Social Construction and Social Critique**. Oxford: Oxford University press, 2012.

KLEINA, Nilton Cesar Monastier; SAMPAIO, Rafael Cardoso. De quem é a culpa? Argumentos e estratégias retóricas iniciais de youtubers da Nova Direita sobre o coronavírus. **Dispositiva**, v. 9, n. 16, p. 27–49, 2020.

KLEINA, N.; CARDOSO SAMPAIO, R. “Não sou eu quem está falando”: A retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. **Revista Eco-pós**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 175–200, 2021.

NAGLE, Angela. **Kill all normies**: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. Winchester/Washington: Zero Books, 2017.

PERINI, E. Desinformação, negacionismo e a pandemia. São Leopoldo: **Revista Filosofia Unisinos**, Vol. 23, n.1, 2022.

VIZEU, Alfredo. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista Famecos**, v. 11, n. 25, p. 111–118, 2004.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ANGRISANO, Rafael. Transgressão e preconceito como nova estética da direita brasileira: o caso Olavo de Carvalho. **Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 19, pp. 02-17, 2023.